XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

O LAZER NA AGENDA LGBT: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

Marie Luce Tavares
Hélder Ferreira Isayama

RESUMO

Este artigo buscou apresentar algumas reflexões fruto da dissertação realizada no programa interdisciplinar de Mestrado em Lazer da UFMG, que diagnosticou e analisou o campo de atuação profissional em lazer nas ONGs direcionadas ao Movimento LGBT na cidade de Belo Horizonte/MG. Objetivo identificar e analisar as concepções de lazer dos sujeitos envolvidos no planejamento, execução e avaliação das atividades de lazer, bem como a relação deste com a agenda do Movimento LGBT, no intuito de interpretar o papel dessas organizações e desses profissionais, no que tange ao entendimento do lazer como direito. Para tanto, tracei como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, através das entrevistas semi-estruturadas.

Palavras-chave: *lazer, movimentos sociais, LGBT.*

ABSTRACT

This article aims to present some thoughts fruit of the thesis held in the interdisciplinary program of Master of Leisure, UFMG, who diagnosed and reviewed the field of practice in leisure in NGOs aimed at the LGBT Movement in the city of Belo Horizonte/MG. To identify and analyze the concepts of leisure of individuals involved in planning, implementation and evaluation of leisure activities, as well as its relatioship with the planning of the LGBT Movement in order to play the role of these organizations and these professionals regarding the understanding of leisure as a right. To do so, as I outlined the proposed methodology literature ande field research, trough semi-structured interviews.

Keywords: *recreation, social movements, LGBT.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar algunas reflexiones fruto de la tesis realizada en el programa interdisciplinario de Maestría en Ocio, de la UFMG, que diagnostica y se revisó el campo de la práctica de ocio de las ONG destinadas a el Movimiento LGBT en la ciudad de Belo Horizonte / MG. Identificar y analizar los conceptos de ocio de las personas implicadas en la planificación, ejecución y evaluación de actividades de ocio, así como su relación con la agenda del movimiento LGBT con el fin de desempeñar el papel de estas organizaciones y estos profesionales en

relación con La comprensión del ocio como un derecho. Para ello, como metodología propuesta he subrayado la revisión de la literatura y la investigación de campo, a través de entrevistas semi-estructuradas.

Palabras clave: *recreación, movimientos sociales, LGBT.*

Introdução

Ao pensarmos nas organizações sociais, não podemos negar que a realidade baseada no consumismo/conformismo, também produz uma série de obstáculos que dificultam a vivência dos direitos humanos. Transformando-se em uma sociedade autoritária e excludente, os mais diversos grupos e/ou classes sociais são discriminados e desfavorecidos das condições mínimas para uma vida com qualidade. Assim, refletir acerca das organizações sociais remete à necessidade de considerar o lazer, que se coloca como um dos elementos essenciais para a cidadania e melhoria da qualidade de vida, tendo em vista promover o crescimento do ser humano como pessoa e o englobar como membro de uma coletividade (SILVA; SCHWARTZ, 2001). Um fenômeno sociocultural historicamente compreendido como um tempo conquistado e direito garantido pela constituição brasileira, devendo ser assegurado também pelo Estado.

Em contrapartida, o Estado, na tentativa de prover os direitos sociais, tem procurado criar novas alternativas mediante parcerias com instituições da sociedade civil, principalmente do terceiro setor, na busca de soluções para o *déficit* social. Com isso, o número de Organizações Não-Governamentais (ONGs), com ações voltadas diretamente para a área social, tem aumentado de forma incontestável e passa a ser uma alternativa de trabalho para as pessoas. No intuito de desenvolver e "explorar" o lazer, é necessário que vários segmentos da sociedade se interessem e passem a atuar nesse campo. Ou seja, órgãos governamentais, iniciativa privada e diversos segmentos sociais devem atuar em conjunto (TRIGO, 1995).

A partir dos anos 1990, processos igualmente complexos, envolvendo uma gama diversa de atores políticos em âmbito nacional e internacional, se desenvolveram em relação a outros sujeitos políticos ou segmentos populacionais. Assim, emergem na agenda política brasileira as primeiras referências ao que, no início deste século, seriam as ações afirmativas com foco na redução das desigualdades de gênero, no combate ao racismo e nas políticas envolvendo outros recortes populacionais, como é o caso de juventude, idosos e lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT). A partir de meados dos anos 1990, é possível acompanhar todo um processo de multiplicação de sujeitos políticos no campo dos movimentos sociais e de "focalização da focalização" nas políticas públicas (FACCHINI, 2009).

Ao que se refere ao Movimento LGBT, no que diz respeito ao âmbito interno de seus grupos, houve uma crescente aproximação do modelo de ONG e suas implicações em termos de redução do número de membros efetivos; criação de estruturas formais de organização interna; elaboração de projetos de trabalho em busca de financiamentos; necessidade de apresentação de resultados; necessidade de

expressar claramente objetivos e objetos de intervenção ou de reivindicação de direitos; profissionalização de militantes; maior capacidade e necessidade de comunicação e dependência de estruturas como sede, telefone, endereço eletrônico, computador; necessidade de integrar os militantes dentro de um discurso pragmático; adoção de técnicas de dinâmica de grupo em reuniões e atividades; preocupação em ter quadros preparados para estabelecer relações com a mídia, parlamentares, técnicos de agências governamentais e atores internacionais. O processo de institucionalização está relacionado a expectativas de obter apoio para a realização das atividades, o que não necessariamente ocorre dada à escassez de fontes e às disputas em torno da legitimidade da inserção de temáticas relacionadas à LGBT na agenda política em âmbito nacional e internacional, potencializando o ambiente competitivo entre organizações.

Pereira (2004) ressalta que, com a participação do Estado e do mercado na destinação de recursos financeiros, tecnológicos e humanos, o terceiro setor tem ganhado espaço para uma atuação mais efetiva, principalmente na área social. A incorporação dessa gestão social demanda profissionalização, visando à manutenção da qualidade dos serviços e a sistematizações de ações. Sendo o lazer uma das áreas de atendimento às comunidades e organizações sociais, pode-se subentender a necessidade de profissionalização da área. Ressalto ainda que, a vivência do lazer pode ser um importante instrumento de intervenção social no intuito de gerar mudanças visando à cidadania, a partir da valorização e do fortalecimento das iniciativas comunitárias, bem como, da formação de agentes de mobilização social. O profissional atuante nessa área deve ter a competência para diagnosticar e analisar a conjuntura social da comunidade; definir e redefinir diretrizes de ação frente a conjunturas específicas; elaborar, executar e avaliar programas e projetos de interesse junto à comunidade.

Diante deste exposto, busquei trazer algumas reflexões fruto da dissertação realizada no programa interdisciplinar de Mestrado em Lazer da UFMG, que diagnosticou e analisou o campo de atuação profissional em Lazer nas ONGs direcionadas ao Movimento LGBT na cidade de Belo Horizonte/MG. Assim, com o presente artigo objetivo identificar e analisar as concepções de lazer dos sujeitos envolvidos no planejamento, execução e avaliação das atividades de lazer, bem como a relação deste com a agenda do Movimento LGBT, no intuito de interpretar o papel dessas organizações e desses profissionais no que tange ao entendimento do lazer como direito. Para tanto, tracei como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo através das entrevistas semi-estruturadas. Estabeleci os seguintes critérios para a definição das organizações: ser uma organização não governamental que trata das questões voltadas ao Movimento LGBT e a constatação de ações de lazer em seu planejamento. Foram encontradas duas instituições que atenderam aos critérios: a Associação Lésbica de Minas (ALEM) e o Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual (CELLOS).

Através da imersão no campo, foi possível traçar um panorama geral acerca do campo de atuação nas ONGs LGBT pesquisadas, e identificar a diversificada composição do quadro de pessoas envolvidas nas atividades de lazer. Detectei que não havia necessariamente um profissional específico envolvido no planejamento, execução e avaliação destas atividades. Contudo, foi possível identificar certa aproximação e um maior envolvimento de algumas pessoas frente à organização dessas atividades. Diante da ausência de profissionais específicos e do diversificado grupo de pessoas envolvidas nas atividades, para o recorte dos sujeitos da pesquisa, me apropriei do caráter de aproximação para elencar aqueles sujeitos que representariam os profissionais de lazer.

Analisando o Olhar dos Profissionais

O nosso cotidiano é balizado por conceitos engendrados na sociedade na qual vivemos. Por certo, se compreendêssemos melhor tais conceitos, poderíamos encaminhar nossa vida de acordo com nossas intenções. Melo (2003) apresenta o seguinte exemplo para ilustrar essas considerações: se entendêssemos melhor os conceitos que adotamos para construir uma relação amorosa, poderíamos identificar os problemas dessa construção e refletir acerca das influências externas as quais está submetida, que não são motivo de felicidade, tentando descobrir formas de relacionamento mais satisfatórias.

Assim, se compreender os conceitos que norteiam nossa vida representa para todos uma possibilidade de viver melhor, para aqueles que trabalham com um determinado objeto é uma necessidade primordial (MELO, 2003). Dessa forma, para aqueles que trabalham no âmbito do lazer torna-se fundamental que esse profissional conheça os conceitos relacionados com o objeto com o qual pretende intervir na sociedade.

Portanto, procurei identificar o conceito de lazer dos profissionais envolvidos das ações das instituições. Corroboro com as considerações de Melo (2003), entendendo que os conceitos são recortes da realidade, tentativas de fragmentar para melhor compreender algo que se encontra presente de modo complexo em nossa vida. Diante disso, todos os conceitos têm limites claros, o que não significa que devam ser desconsiderados, ao contrário, são necessários ao balizar nossa atuação.

No contexto das ONGs pesquisadas, as concepções de lazer dos entrevistados se apresentam de forma diversificada.

> O lazer, para mim, está relacionando a uma resposta que temos que dar para os conflitos que a gente vive no dia-a-dia, do corre-corre do dia-a-dia, o lazer vem como um momento em que você vai sair disso tudo, desse caos todo e vai se dedicar a você. É um momento em que você vai buscar ter prazer, cuidar do seu corpo, cuidar da sua mente, produzir alguma coisa diferente daquilo que você faz no dia-a-dia, respirar, aprender a respirar melhor, aprender a olhar o outro melhor, porque no lazer, nas atividades culturais e de lazer, a gente tem essa busca, e isso para mim é muito importante, principalmente em um grupo tão discriminado, estigmatizado quanto é o nosso grupo (ENTREVISTADA 01).
>
> O conceito de lazer pra mim é que o lazer faz parte da vida da pessoa. Ninguém vive sem ter o lazer, não adianta a gente ter tudo e não ter o lazer, porque você vai ficar em falta com uma coisa. [...] inclusive, alguma coisa na instituição e o lazer aproxima as pessoas e eu acho isso importante (ENTREVISTADA 02).
>
> Eu acredito que a atividade de lazer [...] é uma ação que me desconecta daquilo que me causa no dia-a-dia obrigação, a obrigação com alguma coisa, que também pode estar conectado a ausência de horário, ter que cumprir um horário, mas que também me traga informação, porque se ela não me trouxer algo de novo pra mim não vai valer a pena. Então, eu posso ir pro Parque Municipal, deitar na grama, mas se eu deitar nessa grama não me trouxer uma sensação diferenciada, se eu não perceber a cor, o verde, as várias tonalidades de verde, que você pode ter em uma mesma árvore, por exemplo, ou se eu não sentir, se não me trouxer nada de novo, então pra mim não está sendo interessante. [...] Mas essa atividade de lazer, eu acho que ela passa por isso sabe, de você se sentir bem ao final, estando livre, e que você também absorva coisas novas (ENTREVISTADA 03).
>
> Na verdade, eu nem sei bem, eu vou falar o que eu entendo, eu acho que o lazer são todas as formas que você utiliza ou pratica, que traz um bem estar para a sua pessoa. Elas estão colocadas

> em vários lugares, cinema, recreação, festa, atividade física, isso também para mim pode ser um lazer (ENTREVISTADO 04).
>
> O lazer pra mim é um momento de descontração, de você liberar suas energias (ENTREVISTADO 05).
>
> É aquilo que me traz contentamento, é aquilo que me traz prazer, é aquilo que me traz alegria, aquilo que me faz um sujeito melhor. [...] Então assim, eu percebo o lazer com essas expectativas, do prazer e do que eu considero bom e que eu gosto de fazer, que é bom pra mim, é muito nesse sentido a minha expectativa com relação ao conceito da palavra lazer. A primeira perspectiva é o prazer naquilo que eu esteja fazendo, [...] está muito relacionado ao prazer que eu tenho e que obtenho naquele momento, naquele espaço, naquela atividade, naquela tarefa, ou naquela situação (ENTREVISTADO 06).

Inicialmente aponto a relação dada ao lazer não como uma atividade, ou ocupação. Dumazedier (1973, p. 34) compreende o lazer como

> [...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Ao situar o lazer como um "conjunto de ocupações", tal entendimento restringe o fenômeno à prática de determinadas atividades. Nesse sentido, a compreensão dos entrevistados amplia essa visão. Além disso, há o entendimento do lazer como necessidade da vida caracterizada por uma busca pelo prazer, pelo contentamento. Dumazedier (1979) destaca um sistema de caracteres específicos e constituintes do lazer: o caráter libertário, o lazer é liberação de obrigações institucionais e resulta de uma livre escolha; caráter desinteressado, o lazer não está submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, socioespiritual; o caráter pessoal, as funções do lazer respondem às necessidades do indivíduo, em face das obrigações primárias impostas pela sociedade; e o caráter hedonístico, o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si mesmo. Assim, essa busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primária do lazer.

Apontou-se ainda para a relação lazer e trabalho, bem como, outras obrigações.

> [...] é uma ação que me desconecta daquilo que me causa no dia-a-dia obrigação, a obrigação com alguma coisa, que também pode estar conectado a ausência de horário (ENTREVISTADA 03).
>
> Eu entendo por isso, qualquer forma física ou mental, que esteja fora dessa questão do trabalho formal (ENTREVISTADO 04).

Para os entrevistados, o lazer não tem relação com as obrigações como o trabalho formal e também não é uma obrigação. No conceito de Dumazedier (1973), o autor define o lazer em oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana. Contudo ao relacionar o entendimento dos profissionais que trabalham no âmbito do lazer com a compreensão de Dumazedier, ressalto as considerações de Gomes (2004), ao apontar que trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas. Torna-se necessário levar em conta o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações e contradições que eles

apresentam. Assim, é importante enfatizar que no cotidiano, nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas, religiosas. Afinal, como salienta Gomes (2004), não vivemos em uma sociedade composta por dimensões neutras, estanques e desconectadas uma das outras.

Nesse sentido, o lazer não pode ser entendido como simples assimilador de tensões ou alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais, como observado na fala de alguns entrevistados. Caso contrário, todos os problemas pessoais e sociais estariam resolvidos, num passe de mágica, ou pelo menos, "compensados", pelas possibilidades oferecidas pelo lazer. Para Marcellino (2006), a admissão da importância do lazer na vida moderna, se faz ao considerá-lo um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social. Assim, os movimentos ecológicos, de jovens, de mulheres, têm alicerçado muitos de seus valores com base na vivência e na reivindicação pela vivência do tempo de lazer (MARCELLINO, 2006).

Outra questão observada nas concepções dos entrevistados, diz respeito à multiplicidade de manifestações no âmbito do lazer.

> Pode ser contato com a natureza, pode ser um filme, pode ser um bar, pode ser uma boate, pode ser um espetáculo, pode ser um museu, pode ser uma exposição, pode ser caminhar pelas ruas, mas que além de me desconectar que me traga sensações boas, e que me traga também informação (ENTREVISTADA 03).

> Eu entendo lazer a partir de um processo de prazer naquilo que você esteja fazendo. Às vezes a gente sentar, conversar e tomar uma cerveja é o meu maior lazer, ou às vezes ir pra Igreja é o meu maior lazer, que aquilo me oferece, de alguma forma, um prazer, um contentamento (ENTREVISTADO 06).

Saliento a relação do lazer com a cultura, na qual a cultura institui uma expressiva possibilidade para se conceber o lazer em nossa realidade sócio-histórica. Pautando-se de que a cultura constitui um campo de produção humana em várias perspectivas, e o lazer representa uma de suas dimensões, subentende-se que ao mesmo inclui a fruição de diversas manifestações culturais (GOMES, 2004). Assim, o lazer compreende a vivência de diversas práticas culturais, como jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte, bem como todas as formas de arte (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), dentre outras possibilidades.

Algumas questões aparecem isoladas em uma ou outra fala acerca das concepções de lazer dos entrevistados, como o desenvolvimento, o aprendizado propiciado pelo lazer, e a conscientização possibilitada por ele, seja ela política, cultural ou social.

> [...] eu acho que tem um outro viés também que é importante, porque é um momento de resgatar a auto-estima, tanto no futebol, nas atividades de voleibol, por exemplo, as atividades de percussão, as atividades de trabalho com a cerâmica, com a pátina, as mulheres, através dessas atividades descobrem as suas habilidades. Isso contribui muito para que a pessoa fique com a autoestima melhor (ENTREVISTADA 01).

> Eu acredito que a atividade de lazer [...] é uma ação [...] que também me traga informação, porque se ela não me trouxer algo de novo pra mim não vai valer a pena (ENTREVISTADA 03).

> Além da descontração, é uma forma também, sutil da gente envolver politicamente esses companheiros que vêm para o grupo ou pessoas que vêm para o grupo. Eles vêm com o intuito de assistir um vídeo, mas ali às vezes desperta neles aquele, quando a gente começa a discutir as questões, que às vezes lá na casa dele não são discutidas, ele não houve falar de gay que é espancado, de lésbica que é estuprada, que travesti que é apedrejada na rua, então às vezes ele não ouve isso, e aqui a gente relatando, trocando experiências, às vezes desperta. Então acho, a importância das atividades lúdicas do CELLOS, além de um momento de descontração, que a gente vem à vontade, come pipoca, [...] no Vôlei a gente vai lá, vai de tênis, de bermuda, vai jogar bola, é descontraído mas ao mesmo tempo a gente sempre está focando isso, conscientizando (ENTREVISTADO 05).

A possibilidade de desenvolvimento pessoal e social que o lazer enseja, normalmente, não é tão perceptível. É uma oportunidade privilegiada de tomada de contato, percepção e reflexão sobre as pessoas e as realidades nas quais estão inseridas. Marcellino (2006) aponta que é preciso considerar que se o conteúdo das atividades de lazer é caracterizado por um viés educativo, a forma como são desenvolvidas abre possibilidades "pedagógicas" interessantes, uma vez que o componente lúdico possibilita uma espécie de denúncia da realidade.

Essas concepções refletem na opinião dos entrevistados em relação à presença ou não do Lazer na agenda do Movimento LGBT. É interessante observar que a maioria dos entrevistados não tem clareza do lazer enquanto direito, e consequentemente, do aspecto político do lazer. Ao buscar analisar o lazer na agenda do Movimento LGBT, procurei identificar ações que reivindicam esse direito, como há para a criminalização da homofobia, para a união estável entre LGBT e para a adoção.

Ao relatar acerca das possibilidades de lazer para o público LGBT, os entrevistados ressaltam que,

> O lazer, a cultura, a alegria, a festa, são características muito inerentes ao homossexual, até porque são questões que são negadas pra gente o tempo todo. Eu não posso ir ao cinema com meu namorado assistir um filme e manifestar um afeto, por mais simples que o afeto seja, então, se tem um outro espaço, beleza, eu vou e participo, mas é um direito que é negado. [...] Independente de qual é a atividade, o grau, nível dessa atividade, não é uma atividade feita pra todas as pessoas, é uma atividade que está pautada no mesmo processo de heteronormatividade que a sociedade prevê para nós (ENTREVISTADO 06).

> Para questão LGBT a gente tem pouco isso, porque a questão do lazer está muito voltada a festa, se bem que agora algumas iniciativas de mostras de filmes LGBT, tem jogos olímpicos, mas ainda são incipientes. (ENTREVISTADO 04).

É diante desse contexto que pergunto: o lazer está na agenda do Movimento LGBT?

> Faz parte sim, faz porque dentro da entidade a gente tem isso, tem esse espaço que defendemos muito, porque é muito importante. Ficamos no campo da política, mas, o lazer e a cultura também têm o seu campo político que a gente pode trabalhar junto. E no Movimento LGBT também, então a gente percebe sim um envolvimento em futebol, jogos, vôlei LGBT, participação no Carnaval com um grupo próprio, de LGBT, [...] tem feito parte sim da agenda. A gente fez concurso também de poesia, de literatura no Movimento como um todo; então, faz parte da agenda sim (ENTREVISTADA 01).

> Faz sim, parte da agenda. É porque a gente não pode também ficar endurecida discutindo somente questões políticas, como eu disse anteriormente, essa parte lúdica, ela também é uma questão, a

arte, é uma arte libertadora inclusive para a autoestima e autoconhecimento da mulher (ENTREVISTADA 02).

Sim, eu acredito que faça parte sim. Primeiro eu penso que para você chamar a atenção das pessoas e trazer pessoas ao nível do Movimento LGBT, trazer essas pessoas para poder de alguma forma participar, que seja só para ouvir, que ela não faça mais nada, [...] que a mulher não volte mais na Associação, que ela vá lá, que esteve lá só uma vez, mas trazer essa pessoa para ela poder ouvir alguma coisa, e para ela pensar e para ela ampliar sua visão, para ela ter pensamento crítico, para ela poder agir de uma forma diferente, a gente tem que ter um chamativo (ENTREVISTADA 03).

Eu acho que é preciso, acho que está entrando, hoje nós estamos consolidando essa agenda cultural e do lazer, mas ela não foi assim (ENTREVISTADO 04).

Todas as ONGs que eu conheço, sempre tem atividades lúdicas. Toda entidade LGBT tem alguma coisa voltada com a questão lúdica, por exemplo: não adianta você chegar, [...] e ficar só fazendo fala política e você não ter coisas que é da cultura do universo gay que são: o show das drags, as músicas de momento que eles gostam muito. [...] se você faz um evento puramente político, vão aparecer dez pessoas lá, então o quê que o Movimento fez sabiamente? Unindo a questão política e a questão lúdica, você une as duas coisas. Hoje praticamente todos os eventos são assim, até outros eventos estão seguindo o nosso modelo e estão fazendo atividades que desenvolve aquele objetivo que eles querem e ao mesmo tempo trazendo show, que é isso que atraem as pessoas. E a gente esquece que o gay está na sociedade, então, por exemplo: você vê os outros Movimentos praticamente estão todos esvaziados. Hoje as pessoas não estão muito envolvidas com a questão do Movimento Social, questão dos seus direitos, e etc. [...] o que trouxe de bom pra gente no Movimento foi a visibilidade (ENTREVISTADO 05).

Acho que sim, porque vou dar um exemplo. A parada é uma atividade de lazer, é uma atividade cultural, e que atualmente é um dos maiores instrumentos de visibilidade do movimento LGBT. A parada, que é uma atividade cultural, uma atividade de lazer, e que tem um fundo político, tem um objetivo político, a visibilidade do movimento, a ocupação do espaço público, mas não deixa de ser lazer e cultura. [...] Então, dizer que o lazer e a cultura estão dentro da agenda do Movimento LGBT é uma coisa para mim que é certa, que eu creio que sim. Acredito que é uma das formas até do movimento se expressar, de falar, de mobilizar, que é através da cultura, da dança, da festa, e da alegria, e é uma característica inerente ao Movimento LGBT. [...] A atividade da parada, é um dos maiores instrumentos de visibilidade do movimento e que é feita através de uma projeção cultural e de lazer, eu acho que está sim, dentro da agenda do movimento (ENTREVISTADO 06).

A partir desses relatos é possível dizer que para a maioria dos entrevistados o lazer faz parte da agenda do movimento. Não nego que há espaço para as atividades de lazer nessas instituições, e enfatizo que o Lazer se dá permeando essas ações, contudo o mesmo não é prioridade das ONGs e não compõe o quadro de pautas reivindicativas como as questões de adoção, aborto, união estável e criminalização da homofobia. A partir da fala dos entrevistados, observei esse desencontro, entre se ter um espaço para a realização das atividades, promover essas atividades e reivindicar por esse direito, ou trabalhar com essa perspectiva. A maioria dos entrevistados acredita que o Lazer está na agenda do Movimento LGBT, principalmente pelo fato das instituições trabalharem com atividades culturais, de lazer.

Um dos entrevistados ainda destaca que um fato marcante na história do Movimento LGBT possa ser um fator influenciador da não inserção do lazer na agenda do movimento.

> A história do Movimento LGBT, na década de 60, final de 60, quando existia o primeiro grupo Somos, que foi em 69, existia uma polêmica dentro do grupo Somos que foi, inclusive, o motivo do "racha" do Somos. Porque o "racha" do Somos foi quando teve uma greve, a greve do ABC paulista. Um grupo dizia que tínhamos que ir para a greve apoiar os metalúrgicos e outro grupo dizia que não, que nós tínhamos que cuidar da nossa vida e fazer um grupo de sociabilidade, de autoconhecimento, etc. Então é emblemático o "racha" do Somos porque, na hora da votação para decidir o que o Somos ia fazer, um setor foi para greve e outro foi fazer um piquenique, entendeu? Então ficou muito essa coisa, a turma que vai para a luta e a turma do piquenique, é como se não pudesse juntar as duas coisas, porque acaba você fazendo só sua luta política e desconsiderando que trabalha com seres humanos, que tem uma carga de subjetividade tremenda. Como eu falei, precisa de um monte de ações de empoderamento pessoal, não só coletivo, pensar só em ação coletiva, só na questão muito objetiva da ação política. Por outro lado também não dá para fazer um clube de amigos, entendeu? Onde só se reúne, faz um piquenique, joga um vôlei, e 'ah como é bom ser homossexual', porque isso o mercado já até oferece e você tem que pagar por isso. Então nós temos as boates, nós temos saunas, cinemas específicos para homossexuais, turismo, que a preocupação não é os direitos dos homossexuais, não é sua cidadania, não é o combate à discriminação, é o bem estar. **Então quer dizer, essa pauta, no movimento, ela sempre teve dificuldade, porque o lazer e a cultura sempre foi vista muito pela questão no mercado, e as outras como a questão da luta pelos direitos.** Hoje, eu acho que por questão das paradas, o bom dessas paradas, já começa a ter uma combinação, e você utiliza a questão da festa, do lazer, juntamente com uma ação política. Então já existem algumas estratégias, por exemplo, em Itabirito, eles não têm paradas lá, eles têm um torneio de futebol gay. E era um tipo de, começou como um jogo de futebol e cresceu, hoje ele já faz uma semana de atividades na Câmara Municipal, a prefeitura já banca o churrasco, as coisas que é preciso para o futebol e eles fazem. Essa é a semana de visibilidade deles, então não é mais só a parada, tem muitos que ainda usam a questão do miss gay, por exemplo, para poder denunciar o preconceito, a discriminação, então, você pode combinar essas ações, digamos lúdica cultural de lazer com uma questão política. Eu acho que agora que está entrando na pauta do movimento (ENTREVISTADO 04).

Destaco aqui a necessidade de um entendimento mais amplo acerca das potencialidades do lazer, principalmente no que tange a seu duplo aspecto educativo. Ou seja, o lazer é sim um veículo de educação, por isso atrelá-lo ao campo da discussão política é uma possibilidade real. Ao mesmo tempo, torna-se fundamental uma educação para o lazer (lazer, objeto de educação), que parte da conscientização deste como direito à reivindicação desse direito.

Ainda, segundo os depoimentos, para a população LGBT, no âmbito do lazer houve certa apropriação do setor privado, dessa forma, as atividades se tornaram produtos de consumo, consumo que é pago. E nesse sentido, o entrevistado ao falar acerca do lazer na agenda do movimento ressalta que esse direito é negado.

> Inclusive ele não é só negado pelo Estado, porque o espaço público é negado e as pessoas não utilizam o espaço público, ele foi apropriado pelo capital. Então para você ter um lazer, hoje específico, para LGBT, você tem que pagar, e pagar muito caro, por exemplo, quando você tem lá na parada de São Paulo, e em um dia anterior a parada, um dia lá no parque, quem é que vai ter acesso àquilo ali? Alguém que tem dinheiro. Homossexual que tem dinheiro, aquilo ali tinha que ser público, gratuito, mas não, quem se apropriou dessa parte do lazer, foi o capital e ele tem entrada com isso (ENTREVISTADO 04).

O que se observa é o contrassenso das questões sociais. Diante desse contexto, Mascarenhas (2007) afirma que a contradição que se apresenta é a do público *versus* o privado, e nada mais desafiador

do que sustentar uma política que tenha a compreensão do lazer como um direito social básico para todos, o que requer a ampliação do fundo público no sentido da "repolitização" do Estado no tocante à sua responsabilidade social quanto ao custeio desta mesma política. Contudo, isso tangencia a capacidade estatal em conduzir políticas sociais alternativas e por enquanto, os investimentos do setor privado são maiores que aqueles realizados pelo setor público, cabendo ao segundo o financiamento do primeiro.

Por fim, diante dessa realidade, há a ênfase na necessidade do discurso do direito ao Lazer entrar para as reivindicações do movimento.

> [...] acredito que quando acontecem as conferências estaduais, como nós tivemos em dois mil e oito, dois mil e sete dois mil e oito, uma conferência estadual, nós discutimos sim, lazer, cultura, educação e tal, mas foi nesse momento, eu acho que especificamente fica perdido isso. Na hora de eu estar ali, por exemplo, na Praça Sete, com o microfone falando de uma série de coisas, eu também devo falar disso, porque nós temos um grupo de batuque que não pode ensaiar no Parque Municipal, porque faz barulho. [...] Eu acredito que deveríamos ter até nos nossos discursos, nas nossas falas, discutir mais essa questão, porque senão, pode ficar uma ideia de que nós só sentimos falta da lei de união estável, como se nós tivermos uma lei de união estável, então automaticamente vamos ter os nossos direitos de herança, com relação à adoção e tal. Se eu não pensar isso, nessa necessidade de que há, de que o LGBT, de que o *gay*, de que a lésbica também tem suas necessidades de lazer, de cultura, de arte, de esporte, se eu não pensar nisso, se eu não discutir isso de alguma forma, se eu não falar disso, se eu não reivindicar isso, fica parecendo então que as nossas ausências são só essas: a lei contra a homofobia, a lei de união estável, a legalização do aborto com mais segurança, não é só isso. Não há uma diferença entre a lésbica bissexual ou a lésbica transexual, todas têm as mesmas necessidades, digamos, as contas que você vai pagar todo mês, as coisas que você vai comprar todo mês, para sua sobrevivência, eu também tenho, não difere, eu gero lixo, você gera lixo, eu armazeno bem ou não, você também, é a mesma coisa, não difere. A única coisa que muda é o nosso objeto desejo, nosso afeto que de pessoas é por sexo oposto e no meu caso é pelo mesmo sexo (ENTREVISTADA 03).

Acredito que para que essa mudança ocorra torna-se necessário que as barreiras impostas, verificadas no plano da cultura, sejam relativizadas. Isso se dará à medida que o lazer for sendo convenientemente entendido em termos dos seus valores e funções através da ação educativa para o lazer somada a sua vivência. Além disso, Marcellino (2006) enfatiza que a ação conscientizadora da prática educativa, encucando a ideia e fornecendo meios para que as pessoas vivenciem um lazer criativo e gratificante, torna possível o desenvolvimento de atividades até com um mínimo de recursos, ou contribui para que os recursos necessários sejam reivindicados pelos grupos interessados junto ao poder público.

Considerações Finais

Diante do exposto, percebi que as concepções de lazer dos entrevistados se apresentam de forma diversificada, contudo alguns elementos se aproximam. Inicialmente ressalto que o lazer não foi apontado como atividade isolada, ou ocupação. Os entrevistados também o distinguem como necessidade da vida, caracterizada por uma busca pelo prazer, pelo contentamento, mas que não tem relação com as obrigações como o trabalho formal, ou seja, não constitui uma obrigação. A multiplicidade de manifestações também foi ressaltada por todos os entrevistados. Contudo, dentre as questões destoantes, mas que apareceram, estão o desenvolvimento, o aprendizado propiciado pelo lazer e a conscientização possibilitada por ele, seja ela política, cultural ou social.

Essas concepções influenciam a opinião dos entrevistados em relação à presença ou não do Lazer na agenda do Movimento LGBT, já que a maioria dos entrevistados não tem o conhecimento do lazer enquanto direito, não considerando o aspecto político do lazer. Ressalto que, quando busquei analisar o lazer na agenda do Movimento LGBT, procurei identificar ações que reivindicam esse direito, como há para a criminalização da homofobia, para a união estável entre LGBT e para a adoção. Não nego que há espaço para as atividades e enfatizo que o Lazer se dá permeando as ações das instituições, contudo não é prioridade das ONGs, assim como essas outras questões.

A partir da fala dos entrevistados, observei o desencontro entre se ter um espaço para a realização das atividades, promover essas atividades e reivindicar esse direito, ou trabalhar com essa perspectiva. A maioria dos entrevistados acredita que o Lazer está na agenda do Movimento LGBT, principalmente pelo fato de as instituições trabalharem com atividades culturais, de lazer. Entretanto, enfatizam a necessidade de o discurso do direito ao Lazer entrar para as reivindicações do movimento, sendo consenso que esse direito é negado ao público LGBT. Segundo os entrevistados, para a população LGBT, no âmbito do lazer houve a apropriação do setor privado; dessa forma, as atividades se tornaram produtos de consumo, que são cobradas.

Assim, enfatizo que o campo do Lazer é um objeto de conhecimento que hoje se oferece sinalizando toda sua complexidade enquanto expressão das tensões, diálogos e encontros culturais que ocorrem no cotidiano em processo de culturalização. O lazer é do ponto de vista político, um direito do cidadão que, cada vez mais, reivindica seu direito à cidade e ao lazer qualificado (HOLLANDA, 2004). Nesse sentido, ressalto que a relação da atuação profissional no âmbito do lazer e animação cultural nestas instituições se apresenta enquanto uma proposta pedagógica pautada na ideia de mediação, com o intuito de provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para a superação do *status quo*.

Contudo, especificamente no âmbito do lazer, há muito que fazer, embora já tenhamos percorrido um caminho considerável. Penso que a grande questão é a conscientização de que o lazer constitui um direito social, um momento com um fim em si mesmo. Acredito na complexidade de se desenvolverem ações e políticas que visem, de fato, à democratização do acesso ao lazer e à construção de indivíduos emancipados, sem recursos das mais variadas espécies, que englobam desde instrumentos de planejamento e avaliação até a compra de materiais e a construção de equipamentos.

Referências

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**. n. 04. p. 131-158. 2009.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A contribuição dos estudos culturais para pensar a animação cultural. **Licere**: Belo Horizonte, v.7, n.1, p.101-112, 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudo do lazer:** uma introdução. 3. ed. Ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. In: SUASSUNA, Dulce; AZEVEDO, Aldo Antonio. **Política e lazer: interfaces e perspectivas.** Brasília: Thesaurus, 2007. p. 181-210.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo. IBRASA, 2003.

PEREIRA, Cássio Avelino Soares. Terceiro setor. In: GOMES, Christianne Luce (Org) **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Renata Laudares; SCHWARTZ, Gisele Maria. Ética X preconceito: um desafio para profissionais no âmbito do lazer. **Revista da Educação Física**/UEM Maringá, v. 12, n. 2, p. 35-41, 2. sem. 2001.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Os setores público e privado no lazer e no turismo. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.) **Lazer:** formação e atuação profissional. Campinas, SP: Coleção Fazer Lazer. Papirus, 1995.

Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR/DEF/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - Belo Horizonte - MG
Belo Horizonte – MG CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-2335 / 3409-2333
E-mail: marieufv@yahoo.com.br
Recurso: Datashow